

## UNEMAT Editora

Editor

Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisor

Autores

Diagramação

Ricelli Justino dos Reis

Capa

Ricelli Justino dos Reis

*Copyright* © 2014 / Unemat Editora

Impresso no Brasil - 2014

### **Revista História e Diversidade/Expediente:**

Coordenador /Organizador: Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 4, nº. 1, (2014) . 274 p.

Modo de acesso:<<http://www.unemat.br/revistas/historiaediversidade/>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural. 1. Unemat Editora. Departamento de História de Cáceres.

CDU 94+304.4 (05)

Ficha Catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar/CRB1 2037



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavallhada - Cáceres - MT - Brasil -

78200000

UNEMAT  
EDITORA

Fone/Fax 65 3221-0000 - [www.unemat.br](http://www.unemat.br) - [editora@unemat.br](mailto:editora@unemat.br)

# Revista



Textos Extras

## MEMÓRIA E A MORTE DO SUJEITO: UMA ABORDAGEM PÓS-MODERNA

Fabiola Amaral Tomé de Souza

Mestranda em História Social pela USS - Universidade Severino Sombra, discente pesquisadora do Laboratório Atlanticus: Núcleo de culturas políticas, práticas letradas e representações imagéticas.

Bolsista PROSUP/ CAPES.

fabiola\_tome@hotmail.com

**RESUMO:** O estudo da memória vem sendo discutido há tempos pelos diversos campos dos saberes. A memória é responsável pela estruturação dos sistemas sociais, ou seja, pelo estabelecimento e manutenção de padrões interativos e institucionais. Ela inclui reminiscências e lembranças, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, padrões cognitivos, o conhecimento científico e tecnológico. Partindo da premissa que nunca se lembra só, pretende-se neste trabalho analisar as questões da memória em consonância com a morte do sujeito na pós-modernidade por meio de uma revisão bibliográfica dos textos de Andreas Huyssen, Frederic Jameson e de Krishan Kumar.

**Palavras-chave:** Memória, morte do sujeito, pós-modernidade, esquecimento.

**ABSTRACT:** The study of the memory has been discussed for a long time by various fields of knowledge. Memory is responsible for organization of social systems, it is, establishment and maintenance of interactive and institutional standards. It includes reminiscences and memories, behaviors and feelings, social rules and norms, cognitive standards, scientific and technological knowledge. Starting from the premise that never remembers only, intend in this work to examine the issues of memory in line with the person's death in postmodernity through a literature review of texts from Andreas Huyssen, Frederic Jameson and Krishan Kumar.

**Keywords:** Memory, person's death, postmodernity, oblivion.

### 1. Introdução

O estudo da memória faz parte da característica pós-modernista que não nega o passado, como assim faziam os modernistas, e sim utiliza-se do passado na construção do futuro. Contudo no final do século XX e início do século XXI o estudo da memória teria se elevado consideravelmente, deslocando o foco de futuros presentes para os passados presentes<sup>1</sup>. Esse *boom* da memória estaria atrelado a mídia e a sociedade de consumo, que vendem e consomem a memória em excesso, produzindo, o que poderíamos considerar inaceitável do ponto de vista da memória, amnésias, esquecimentos e o fim do individualismo.

Portanto o objetivo deste artigo é analisar a memória em consonância com os estudos sobre a morte do sujeito na pós-modernidade por meio de uma revisão

1 HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. Universidade Candido Mendes, Museu de Arte Moderna. 2000. P. 9

bibliográfica dos textos de Andreas Huyssen, Frederic Jameson e Krishan Kumar. Contudo para iniciarmos é necessário contextualizar, utilizando outros autores renomados, pós-modernidade e memória e suas implicações na sociedade e no indivíduo.

## 2. A memória e a morte do sujeito na pós-modernidade

Primeiramente devemos considerar que a sociedade pós-moderna tem tomado corpo no âmbito das ciências sociais e humanas. De acordo com Jameson as manifestações pós-modernistas surgem como reações ao modernismo<sup>2</sup>, sorvem mudanças, que, principalmente, nas sociedades ocidentais são drásticas e invertem a lógica das estruturas e relações engendradas pela modernidade do início do século XX, como por exemplo: “o desgaste da distinção prévia entre a alta cultura e a chamada cultura de massa ou popular<sup>3</sup>”.

O pós-modernismo é um fenômeno novo que emerge na segunda metade do século XX, principalmente após a II Guerra Mundial com o advento da acumulação flexível da produção industrial e com a revolução informacional<sup>4</sup>. Trazem grandes mudanças que interferem diretamente nas organizações privadas da vida social.

A partir da segunda metade do século XX o mundo, principalmente o ocidente, começa sentir os impactos de um novo modelo de sociedade, onde todas as formas de organização da vida começam a tomar novos rumos, diferentes dos originados pela modernidade. “A “era pós-moderna” assinalava uma ruptura com a “era moderna” clássica, que durara aproximadamente da Renascença até fins do século XIX<sup>5</sup>”.

Para Jameson pós-modernidade seria:

[...] um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que muitas vezes se chama, eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional.<sup>6</sup>

Vive-se um mundo de transformações que afeta tudo, ou quase tudo, o que fazemos. Estamos sendo lançados a uma ordem global ainda incompreendida pela maioria das pessoas, contudo seus efeitos já se fazem presentes na vida social do indivíduo<sup>7</sup>. Giddens afirma que: “Num mundo globalizante, em que informação e imagens são rotineiramente transmitidas através do mundo, estamos todos regularmente

2 JAMESON, Frederic. *Pós-modernidade e sociedade de consumo*. Publicado em *New Life Review* nº 146, julho agosto de 1981. P. 26

3 Idem, p. 26

4 KUMAR, Krishan. *Da sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. P. 125 -126.

5 KUMAR. Op. cit. P. 118

6 JAMESON. Op. cit. 27

7 GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo por nós*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000. P. 17

em contato com outros que pensam, e vivem, de maneira diferente de nós<sup>8</sup>”

Diante disso como poderíamos pensar a memória em uma sociedade que se apresenta instável e efêmera? A memória está intimamente ligada ao que acontece com a sociedade. Está, agora, ligada a cultura de urgência e se afasta do tradicional, visto que as relações humanas estão mais voláteis. Primeiramente precisamos compreender memória para estabelecer uma análise sobre a mesma e a morte do sujeito ou fim do individualismo.

A memória é a capacidade de conservar os indícios do que já pertence ao homem embora não exista mais, um fato passado<sup>9</sup>. É uma faculdade exclusiva dos seres humanos de reconstruir uma situação aproximadamente equivalente aquela já vivenciada por ele ou pelo grupo em que está inserido. É também resultado de diversas experiências e envolve não apenas o lembrar individual, mas aquilo que a sociedade também considera como importante ser lembrado e ou esquecido.

A memória possui também uma função prática considerável, pois, ajuda o indivíduo a evitar vicissitudes, já que o ser humano é profundamente cultural, isto é, aprendemos com as experiências, através da capacidade de registrar, preservar e transmitir informações, que tanto podem ser informações individuais quanto aquelas que são transmitidas pelos antepassados e pela sociedade.

Contudo a memória é um campo de conflito, já que as recordações não são registros magistras de um evento decorrido, os mesmos são alterados com a passagem do tempo, são modificadas à medida que as experiências vividas exigem novas lembranças que auxiliem a esclarecer fatos da vida e dar-lhes sentido. Resumindo a memória é o que possibilita ao homem remontar no tempo, relacionar-se, sempre se mantendo no presente, com o passado<sup>10</sup>.

O estudo sobre a memória tem seus primórdios nos filósofos que buscavam na mesma o entendimento do significado da vida humana, com o passar do tempo esse estudo passou para o campo do social e então os estudiosos da sociedade passaram a vê-la não só como um complexo processo mental, mas também a atribuições mecânicas biológicas e sociais, que passava a ser medida tanto objetivamente quanto quantitativamente.

Posteriormente Maurice Halbwachs, sociólogo francês da escola durkheimiana, estudaria a memória e sua importância para a formação das sociedades, mostrando que “[...] é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos memória.<sup>11</sup>” E formulando o conceito de memória coletiva que vem a ser o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é singular da história, a qual se refere mais a acontecimentos e eventos assentados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido percebidos e

8 Idem, p. 16

9 SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*, São Paulo, Annablume. 2003. P. 151

10 POMIAN, krysztóf. Coleção. In: *Memória*. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, v. 42, 2000. p. 508.

11 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006. P. 8

experimentados por alguém<sup>12</sup>.

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes<sup>13</sup>.

Halbwachs utiliza também o conceito de memória coletiva para referir-se às determinações da consciência por esferas sociais anteriores a elas e que fazem essa nova sociedade possível. O autor acreditava na anterioridade e na determinação de ideias sustentadas coletivamente sobre pensamentos e atitudes individuais. Se a lembrança existe é por força dos outros, a situação presente incita e traz as lembranças.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum<sup>14</sup>.

Na maioria das vezes lembrar não seria rever, contudo refazer, repensar, reconstruir com imagens e ideias atuais a experiência do passado, porque nossa percepção se altera conforme o passar do tempo e com ela nossas ideias, juízos de realidade e de valor. Como cita Myrian Sepúlveda dos Santos “a memória pode reconstruir o passado de acordo com os interesses do presente<sup>15</sup>”. Pollak diz que “a memória é um fenômeno construído<sup>16</sup>.” Huissen corrobora tal análise citando que:

A disseminação geográfica da cultura da memória é tão ampla quanto é variado o uso político da memória, indo desde a mobilização de passados míticos para apoiar explicitamente políticas chauvinistas ou fundamentalista<sup>17</sup>.

Nesta discussão devemos ressaltar que Halbwachs entrelaça a memória do indivíduo à memória do grupo e a do grupo à órbita maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade e ressalta que o instrumento socializador da memória é a

---

12 HALBWACHS, Maurice. *Fragmentos da la Memoria Colectiva*. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicologia, 1991.

13 POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992. P. 201

14 HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006. P. 12

15 SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*, São Paulo: Annablume. 2003. P. 151

16 POLLAK, Op. Cit. P. 204

17 HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. Universidade Candido Mendes, Museu de Arte Moderna. 2000. P. 16

linguagem.

Tal questão nos encaminha ao estudo sociológico visto que se discutem questões relacionadas ao pertencimento a grupos e ao modo como eles se relacionam com concepções próprias e em interações com os outros, a alteridade. Os grupos aos quais os homens fazem parte e aqueles que ele exclui do seu viver como resultados de vínculos são todos temas importantes da vida cotidiana e contribuem para a forma e conteúdo das relações sociais que caracterizam nossas sociedades. Assim como a questão da consciência coletiva que “é o conjunto das crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade que, ao se unirem, formam esse sistema com vida própria e que se torna independente dos próprios indivíduos que ajudaram a formá-la<sup>18</sup>”.

A memória é então o passado se encontrando no presente, contudo o passado não é estabelecido somente por discursos, imagens e é modificado sempre pelo presente, ao mesmo tempo em que o constrói.

Outro aspecto importante sobre a memória para Halbwachs, é que o narrador nunca relembra só. A memória é uma atividade coletiva. No conjunto de conhecimentos do indivíduo se agregam lembranças que destituídas da patente de outrem, tornam-se elementos “originais” da história do protagonista.

Ocorrendo então um enquadramento da memória que, como pontua Pollak, serve como um referencial do passado – evidencia a disputa em torno da memória – bem como revela uma forma de manter a coesão dos grupos sociais.

O trabalho de enquadramento de memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro<sup>19</sup>.

A análise halbwaquiiana parece questionar toda estabilidade das tradições e também o futuro de toda tradição, especialmente na sociedade moderna. Os argumentos de Jameson, talvez possam responder esse questionamento. Ele analisa que:

[...] o modo como todo o sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder sua capacidade de reter seu próprio passado, começou a viver num presente perpétuo e numa perpétua mudança que oblitera os tipos de tradições que todas as formações sociais anteriores, de um modo ou de outro, tiveram que preservar<sup>20</sup>.

Huyssen afirma que esse fenômeno demonstra um regresso ao passado, contrastando o privilégio que a modernidade dera ao futuro<sup>21</sup>, seria um enfoque maior

18 DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Martins Fontes, São Paulo. 1999. pag 342

19 POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

20 JAMESON, op. cit. P.43

21 HUYSSSEN, op. cit. P. 12-13

nos passados presentes<sup>22</sup>. A memória se tornou global e vive, para ele, um paradoxo entre a incapacidade de reflexão, por parte da sociedade, em aceitar as diferenças sociais, raciais, de gênero e opções sexuais e a capacidade de identificar ações de intolerância às diferenças citadas acima.

Huyssen analisa a memória a partir das questões do pós-modernismo, por considerar que o pós-modernismo se energizava através da memória. E que existe atualmente uma “demasiada memória” que tem sido extremamente comercializada.<sup>23</sup> O autor analisa ainda o bombardeio de discursos de memória que geraram uma busca incessante de recordação total, como a restauração memorialística, a musealização global, a comercialização da nostalgia<sup>24</sup> entre outras que promovem no indivíduo alienação na percepção e o esquecimento se apodera da memória<sup>25</sup>.

Nas comunicações eletronicamente mediadas, os sujeitos agora flutuam, suspensos entre pontos de objetividade, sendo constituídos e reconstituídos em diferentes configurações em relação aos arranjos discursivos da ocasião<sup>26</sup>.

Huyssen afirma que sobre a memória existe também outro paradoxo onde a cultura da memória, na atualidade, traria amnésia – atribuída à mídia – e a apatia. Diz ainda que há a possibilidade que o grande volume de memória nessa cultura de mídia produza uma carga tão pesada que coloque em perigo a própria memória gerando aí o medo do esquecimento<sup>27</sup>. Demonstrando sua efemeridade e criando uma roda viva onde produzimos memória para não esquecermos e esquecemos pelo excesso de informação.

Na memória sempre estarão presentes o dialogismo, a polifonia<sup>28</sup> e a heterogeneidade (constitutiva e mostrada), conceitos dos quais fala Bakhtin. O rememorar permite que origens e aportes sejam esquecidos e reinterpretados para coerentemente se ligarem à narrativa. O próprio esquecimento demonstra uma força que transforma a memória em atividade criativa, pois ao omitirmos trechos de reminiscências, os conjuntos restantes se encadeiam, estabelecendo ligações sem critérios do que realmente pode ter acontecido.

A reconstrução da memória está limitada encontrando dificuldades em

22 Idem, p. 9

23 HUYSSSEN, Andreas. Entrevista realizada na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Maio de 2009. In: Revista Comunicação & Cultura, n.º 7, 2009, pp. 141-151. [http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/07\\_08\\_Entrevista\\_Andreas\\_Huyssen.pdf](http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/07_08_Entrevista_Andreas_Huyssen.pdf) Acessado em: 20 de julho de 2013.

24 Idem, p. 14

25 Idem, p. 19

26 KUMAR. Op. cit. p. 138

27 Idem, p. 19

28 O conceito de dialogismo foi elaborado pelo linguista russo Mikhail Bakhtin, que o explica como o mecanismo de interação textual muito comum na polifonia, processo no qual um texto revela a existência de outras obras em seu interior, as quais lhe causam inspiração ou algum influxo. Polifonia segundo Bakhtin é a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, pp. 279-326.



ser construída. Visto que o pertencimento a grupos sociais favorecem ações que configuram a memória coletiva. Esses agrupamentos se dedicam em deter do passado o que é mais adequado à sua representação do presente. Esta é modelada por quem dispõe dos meios para sua difusão. Com esse objetivo, são escolhidos aqueles que estão autorizados a transmitir seus conhecimentos.

A partir dessa fundamentação fica claro que não podemos analisar a memória sob o olhar de velhas abordagens sociológicas, visto que as mesmas não se adaptam a dinâmica atual da mídia, da memória, do tempo vivido e do esquecimento<sup>29</sup>. Haja vista a fragmentação da memória, em seus diversos campos, não comportar, segundo Huyssen, formas de memória consensual coletiva.

Contudo Halbwachs cita que as memórias afirmam grupos, identidades e denegam outros pela omissão<sup>30</sup>. Para Huyssen a memória permanece guiando os sujeitos, a memória continua dando sentido aos símbolos e significados sociais para as relações sociais. É um trabalho de enquadramento da memória e de controle da imagem. Pollak se baseia nos estudos de Henry Rousso sobre memória enquadrada, e diz que a mesma seria aquela manipulada e articulada para justificar uma situação, utilizando determinadas vantagens de um passado edificado para legitimar um poder ou direito na atualidade. A oratória ordenada dá à memória configurações a partir da definição do que será lembrado e de quais lembranças serão postas de lado.

Portanto ao chegar à pós-modernidade a memória teve que se metamorfosear, se as relações são instáveis, rápidas e voláteis, isso só seria possível porque a memória também se tornou algo efêmero.

Os estudos sobre memória seguem os rastros “dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas<sup>31</sup>.” E a “procura por outras tradições e pela tradição dos “outros”<sup>32</sup>”, ou seja, a memória propiciou uma identidade múltipla, contraditória e não resolvida<sup>33</sup>. O que Jameson denominaria como a morte do sujeito ou o fim do individualismo como tal<sup>34</sup>.

O individualismo começa a ser vislumbrado no século XIX, palco de enorme relevância para a construção da modernidade. Justo por testemunhar o nascimento dos saberes científicos objetivados na compreensão de um mundo que se transformava com certa rapidez<sup>35</sup>. Juntamente com o nascimento do Estado moderno, surgem mudanças culturais, econômicas, sociais entre outras e o indivíduo, que antes mantinha uma relação de proximidade, começa a ser deslocado daquele lugar ao qual pertencia, Berman fortalece essa análise quando afirma que milhões de pessoas foram arrancadas de seu habitat ancestral e empurradas pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas<sup>36</sup>.

Para exemplificar essas transformações ocorridas temos a revolução

29 HUYSSSEN. Op. cit. p. 19

30 HALBWACHS, Op. cit. p. 54

31 HUYSSSEN. Op. cit. p. 10

32 Idem, p. 10

33 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P.

34 JAMESON. Op. cit. p. 29

35 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. SP: Companhia das Letras, 2001. p. 18.

36 BERMAN, Op. cit. 16

tecnológica e dos transportes, que propiciaram uma rápida expansão dos territórios<sup>37</sup>. O séc. XIX testemunha o marco da promulgação dos direitos civis; a transformação do súdito em cidadão e dos camponeses em operários; o crescimento burguês e a mudança de seus valores e hábitos. Testemunha também o mercado definindo classes e inflando as cidades. A modernidade surge com um quadro dicotômico de novo/velho; moderno/atrasado; mudança/conservadorismo; urbano/rural<sup>38</sup>.

Portanto a modernidade em muitos casos significa a coexistência de fenômenos aparentemente contraditórios, que podemos chamar de ambivalência ou ambiguidade. E o que era certeza se transformava em dúvida, onde a tradição já não era mais um suporte, um fundamento seguro para os indivíduos<sup>39</sup>.

O individualismo, ou seja, a possibilidade de escolha autônoma surge nesse período e Bauman aponta que este período seria “a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem tradicional, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente<sup>40</sup>”. As transformações associadas à Modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas<sup>41</sup>.

Os grandes modernismos, como dissemos, basearam-se na invenção de um estilo pessoal e privado, tão inconfundível quanto as impressões digitais, tão incomparável quanto nosso próprio corpo. Mas isso significa que a estética modernista está, de algum modo, organicamente ligada à concepção de um eu e de uma identidade privada únicos, a uma personalidade e individualidade singulares, que podemos esperar que gerem sua própria visão singular de mundo e cunhem seu próprio estilo único e inconfundível<sup>42</sup>.

Contudo no pós-modernismo esse tipo de individualismo e de identidade pessoal é tratado pelos teóricos como algo do passado, ou seja, que o individualismo – conforme despontado na modernidade – morreu<sup>43</sup>.

Jameson nos mostra que há duas vertentes de pensamento sobre o assunto, onde para alguns a era do capitalismo empresarial, do chamado homem da organização, das burocracias na vida comercial e no Estado promoveu o fim do antigo sujeito individual burguês e para outros esse sujeito individual burguês, esse sujeito autônomo, nunca existiu e que seria, inclusive, um mito<sup>44</sup>.

Os estudos de Jameson nos encaminham para questões de estética e cultura, já que ele analisa a produção artística diante dessa “morte” da ideologia e experiência do eu singular, questiona o que esses artistas e escritores estariam produzindo na atualidade, pois os modelos antigos já não funcionam mais, “uma vez que ninguém mais tem esse tipo de mundo e estilo particulares únicos para se expressar<sup>45</sup>”, existe também a

37 Idem. P. 16

38 Idem, p. 16

39 Idem, p. 13-14

40 BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. P. 20

41 Idem, p. 20

42 JAMESON. Op. Cit. p. 29

43 Idem, p.30

44 JAMESON. Op. Cit. p. 30

45 Idem. P. 30

impossibilidade de inventar novos elementos, haja vista que já foram inventados.

Krishan Kumar afirma, inclusive que “o mundo da simulação é um mundo de simulacros, de imagens. Mas, ao contrário das imagens convencionais, os simulacros são cópias que não tem originais ou de originais que foram perdidos<sup>46</sup>”.

Jameson conclui, então, que a arte contemporânea ou pós-modernista vive o pastiche<sup>47</sup>, devido a impossibilidade de inovar estilisticamente, restando a imitação de estilos que já não existem, e se pronunciar através de máscaras e com vozes de estilos passados<sup>48</sup>.

Fortalecendo a ideia de Jameson, Kumar analisa que o pós-modernismo é resultado de um processo contínuo de *des-diferenciação* e as diferentes esferas culturais – a estética, a ética, a teórica – perdem sua autonomia, assim como existe uma nova imanência no social da cultura, invertendo a situação de predominância, nesse campo, do econômico para a cultura, ou exibição de símbolos culturais e que cultura e comércio se nutrem e se incorporam<sup>49</sup>.

Sobre individualismo, ou o fim dele, Kumar diz que as sociedades contemporâneas revelam o pluralismo, a fragmentação e o individualismo relacionados com as mudanças ocorridas na tecnologia e no mundo do trabalho, ao declínio dos estados-nação e das culturas nacionais dominantes e ao mundo global em que vivemos<sup>50</sup>.

Para o autor no pós-modernismo “a identidade não é unitária nem essencial, mas fluida e mutável, alimentada por fontes múltiplas e assumindo formas múltiplas<sup>51</sup>”. E os meios de comunicação, que informam e realmente comunicam, tem papel crucial nesse fato e criam uma nova realidade eletrônica cheia de imagens e símbolos, “que obliterou todo e qualquer sentido de realidade objetiva por trás dos símbolos<sup>52</sup>” surgindo uma hiper-realidade.

Essa hiper-realidade traz em seu bojo a dissolução da realidade objetiva, que significa a decomposição do sujeito, do ego individual – o pensador autônomo da modernidade. Kumar se baseia em Foucault e diz que o sujeito, o individual foi uma construção temporária da modernidade<sup>53</sup>.

A individualidade não existe mais, o que existe é um terminal de redes múltiplas. Onde todo o trabalho sobre memória ou excesso de memória, provocada pela variedade e o êxtase da comunicação, promova o fim dos segredos, da vida interior e da intimidade. “Tudo incluindo o indivíduo, se dissolve completamente em informação e comunicação<sup>54</sup>”.

### 3. Conclusão

46 KUMAR. Op. cit. 134

47 Pastiche seria a paródia vazia, a paródia que perdeu o senso de humor. É a imitação de um estilo peculiar ou único, o uso de uma máscara estilística. JAMESON. Op. cit. 29

48 JAMESON. Op. cit. p. 31

49 KUMAR. Op. cit. P. 128

50 KUMAR. Op. cit. P. 132

51 Idem.p. 132

52 Idem.p. 134

53 Idem. P. 136

54 Idem. P. 137

Portanto através desta análise nota-se que o mundo pós-moderno apresenta-se para o indivíduo, para o sujeito como um grande espetáculo, sombreando a criticidade do sujeito atordoado com o excesso de informação que recebe ao longo do tempo, promovendo o medo do esquecimento, amnésias e o fim do individualismo. Dentre essas informações estão os estudos sobre memória e a demasiada comercialização da mesma, que estão associadas a todas as questões relacionadas e vislumbradas na pós-modernidade. Compreendendo que não devemos diminuir a ideia de memória a uma forma simples de ver o conceito, muito menos situando em qual parte da constituição do indivíduo, a mesma se encontra. A memória é inerente ao ser humano, é física, psicológica e social. E como analisa Huyssen a memória pode ser entendida também como coletiva, subjetiva, materialista, cultural, pública, nacional e que com o passar do tempo se tornará global<sup>55</sup>.

Essa memória globalizada eleva o pensamento de massa em detrimento do indivíduo. Essa massa não se apoia mais em uma lógica de identidade, navegam entre várias identidades. São tantas influências constantes que podem fazer com que o indivíduo contemporâneo se esqueça de si mesmo. Modificando suas ações e pensamentos conforme mudam as configurações da sociedade e do mundo ao seu redor.

Por conseguinte as análises de Jameson, Kumar e Huyssen são complementares em relação à morte do sujeito, ou fim do individualismo e convergem nos pressupostos de que o indivíduo ou o sujeito está passando por diversas transformações em decorrência da volatilidade da sociedade pós-moderna, que não produz o novo e sim novas interpretações para velhos ensinamentos, obras, estilos e pensamentos. E que nos encaminha a “falar através de máscaras e com vozes dos estilos do museu imaginário<sup>56</sup>”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. SP: Companhia das Letras, 2001.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Martins Fontes, São Paulo. 1999.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo por nós*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos da la Memoria Colectiva*. Seleção e tradução. Miguel Angel Aguilar D. (texto em espanhol). Originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México, UNAM- Facultad de psicología, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. Universidade Candido Mendes, Museu de Arte Moderna. 2000. P.

55 HUYSEN. Op. Cit. p. 32

56 JAMESON. Op. Cit. 31

\_\_\_\_\_. Entrevista realizada na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa em Maio de 2009. In: *Revista Comunicação & Cultura*, n.º 7, 2009, pp. 141-151. [http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/07\\_08\\_Entrevista\\_Andreas\\_Huyssen.pdf](http://cc.bond.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/07_08_Entrevista_Andreas_Huyssen.pdf) Acessado em: 20 de julho de 2013.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernidade e sociedade de consumo*. Publicado em *New Life Review* n° 146, julho agosto de 1981.

KUMAR, Krishan. Modernidade e Pós-Modernidade II: A Ideia da Pós-Modernidade. In: *Da sociedade Pós-industrial à Pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3): 3-15, Rio de Janeiro, 1989.

POMIAN, krysstof. Coleção. In: *Memória*. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, v. 42, 2000.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*, SãoPaulo, Annablume. 2003.